

Parque do Bicão: Ações culturais, práticas de sociabilidade e apropriação do espaço urbano.

Ana Elisa M. Mendoza*¹, Luiz Henrique de Toledo²

1. Estudante de IC em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar *lis.mendoza@gmail.com

2. Pesquisador do Depto.de Ciências Sociais, UFSCar, São Carlos-SP

Palavras Chave: *ocupação artística, sociabilidade, dinâmicas espaciais*

Introdução

O espaço urbano, tema recorrente nos estudos antropológicos, não está apenas como *locus* onde as atividades de uma sociedade complexa acontecem, mas como substrato que proporciona as condições necessárias para que elas ocorram, ou seja, como embasamento, suporte e causa dessas ações[1]. Partindo de tal entendimento, o presente trabalho propôs analisar as práticas de sociabilidade que acontecem nos espaços públicos, como praças e parques[2] localizados em São Carlos. São atividades recorrentes que vez ou outra cruzam com ações culturais propostas pelos pontos de cultura da cidade, que visam a ocupação artística desses lugares. A interação entre os frequentadores tradicionais e o público específico das ações culturais, colocando em contato suas diferentes atividades, aparecem como produtivas para a discussão da pesquisa[3]. Isso sob a perspectiva da dinâmica do pedaço[4] e de como tais práticas culturais são capazes de reinventar[5] e modificar o lugar em que ocorrem enquanto são, por ele, modificadas.

Resultados e Discussão

A área de coleta de dados etnográficos focou o Parque do Bicão pois, por estar localizado em um bairro antigo da cidade e distante do centro, o contraste entre as atividades cotidianas dali e as ações introjetadas chamou atenção.

Para além da revisão bibliográfica, como ferramentas de campo, foram usadas entrevistas e captação de imagens fotográficas. Tal metodologia contribuiu para a percepção de uma grande diferença, tanto na dinâmica de ocupação do espaço, quanto no discurso dos frequentadores

cotidianos, residentes da região do parque, em comparação com o público que vai até o local para participar de um evento específico.

Notou-se assim que os frequentadores mais tradicionais do parque, não sentem-se contemplados nas atividades dos eventos artísticos produzidos por um grupo externo. Mas ao mesmo tempo, o aumento da quantidade de eventos organizados por núcleos, muitas vezes vinculados às universidades da cidade, contribui para a manutenção física do local.



Parque do Bicão, São Carlos-SP Outubro de 2014

Conclusões

A partir da análise dos resultados, conclui-se até o momento, que o maior domínio no campo burocrático entre produtores dessas ações introjetadas, além de um diálogo mais próximo com a prefeitura, favorece não os frequentadores cotidianos do Parque, mas uma parcela que já tem acesso à cultura e lazer. Dessa forma, a manutenção do Parque do Bicão, que fica a desejar fora dos períodos em que o parque recebe esse público “de fora”, ainda que contraditoriamente, incentivou os moradores da região a organizarem-se em Associação, nomeada “Amigos do Parque do Bicão” para uma tentativa de manter o parque ativo, com ações que dialoguem com os interesses e atividades cotidianas.

Agradecimentos

Agradeço à instituição CNPQ pelo apoio material e logístico fornecido no decorrer da pesquisa.

[1] MAGNANI, José Guilherme Cantor (2006) “Trajetos e Trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana” Publicado na Revista Sexta-feira, número 08 sobre edição Periferia

[2] SCHREIBER DINES, Yara (1997) “Domingo do Parque – Um estudo sobre a relação homem natureza na metrópole paulistana” Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da USP

[3] ARANTES, Antino Augusto (2011) “Guerra dos Lugares -Sobre fronteiras simbólicas e liminaridades do espaço urbano” in Revista do IPHAN nº23

[4] AGIER, Michel (2011) “Antropologia da cidade: Lugares, situações, movimentos”. São Paulo:

[5] MAGNANI, José Guilherme (1992). “Da Periferia ao centro- Pedacos e Trajetórias” in Revista de Antropologia vol.35